

Irã ameaça mar Vermelho se bloqueio continuar; China recua

Bloqueio entrou seu terceiro dia nesta quarta com relatos conflitantes sobre a medida

Reprodução/ Portal Stocznioy



Sob sanções americanas, o navio chinês Rich Starry deu meia volta e se ancorou próximo ao Irã

O comando militar do Irã ameaçou nesta quarta-feira (15) agir para conter o comércio pelo mar Vermelho caso o bloqueio naval imposto pelos Estados Unidos aos portos do país não seja levantado.

Para tanto, como já havia dito anteriormente, seriam acionados seus aliados houthis, rebeldes que dominam boa parte do Iêmen e que já provocaram um grande estrago nas rotas marítimas da região durante o conflito entre Israel e os palestinos do Hamas, de 2023 a 2025.

Com um vasto arsenal de mísseis e drones, os houthis atacaram Israel em apoio a Teerã na atual guerra, e por ora estão observando o cessar-fogo anunciado por Donald Trump na terça da semana passada (7).

Uma ação no mar Vermelho impactaria não só a saída de petróleo saudita pelo porto de Yanbu, mas também a entrada de exportações como as do agronegócio brasileiro, desviadas para a costa oeste da península Arábica visando chegar aos mercados do Oriente Médio.

O bloqueio entrou seu terceiro dia nesta quarta com relatos conflitantes acerca da efetividade da medida. Ela foi determinada por Trump para pressionar Teerã enquanto uma paz entre os rivais é negociada, e se soma às restrições impostas pelo próprio Irã: o fluxo de 140 navios/dia na área antes conflituosa caiu a 10% disso.

O caso mais chamativo é o do navio chinês Rich Starry, que está sob sanções americanas por já ter transportado petróleo e derivados iranianos. Ele havia deixado o golfo Pérsico e transitado por Hormuz da segunda (13), dia do início do bloqueio, para a terça (14).

Nesta quarta, o navio voltou por Hormuz e está ancorado perto

do Irã. Só que ele transporta 250 mil barris de metanol carregados nos Emirados Árabes Unidos, teoricamente ficando fora do escopo do bloqueio.

É incerto se a embarcação pagou o pedágio que Teerã buscou instituir com uma nova rota passando por suas águas em Hormuz, após ter dito que minou o caminho usual pelo centro do corredor.

Na véspera, o líder chinês Xi Jinping usou termos duros contra o conflito, e sua chancelaria chamou as restrições de irresponsáveis e perigosas. Em 2025, o Irã foi o terceiro maior fornecedor de petróleo de Pequim.

Na mão contrária, a agência de notícias iraniana Fars disse que um superpetroleiro conseguiu furar o bloqueio americano e chegou a um porto do país para ser carregado. Não há confirmação desse trânsito por monitores de tráfego marítimo, mas basta desligar o sistema de identificação da embarcação para não ser visto.

Segundo as consultorias marítimas Kpler e LSEG, não há registro de que quaisquer petroleiros iranianos tenham deixado Hormuz desde o início do embargo. Apesar disso, o país diz que não há prejuízo porque os próprios EUA autorizaram o comércio de seu petróleo embarcado fora da região, como forma de aliviar a pressão sobre os preços da commodity.

Além disso, segundo a Fars, Teerã estuda usar portos pouco operados na costa sul do país, fora da área de embargo, embora pareça difícil a viabilização: cerca de 90% do produto exportado pelo Irã sai do terminal na ilha de Kharg, no golfo Pérsico.

Os americanos dizem ter envolvido 10 mil soldados na operação para rastrear esses navios em modo fantasma, com o chamado transponder desligado. Segundo o Comando Central das Forças Armadas dos EUA, que opera no Oriente Médio, nove navios foram barrados ao todo até esta quarta.

As circunstâncias dessas abordagens permanecem obscuras. Pelas regras de engajamento de bloqueios navais, a Marinha que o impõe alerta primeiro o navio e, sem sucesso, pode abordá-lo com lanchas ou helicópteros. A situação pode então escalar para apreensão ou, em caso de resistência, afundamento do navio.

Segundo serviços de monitoramento do tráfego na região, Na terça, ao menos oito navios passaram por Hormuz. Eles estavam indo ou deixando portos de outros países, não cobertos pelo embargo. Os EUA falaram à mídia americana em até 20 embarcações.

Entre os navios que passaram está outro sob sanção americana, o superpetroleiro Alicia, que vinha transportando petróleo iraniano desde 2023. A embarcação se dirigiu vazia para embarcar óleo no Iraque, assim como outro navio, o Agios Fanourios 1.

O vaivém de versões ocorre

enquanto os EUA, que iniciaram a guerra contra o Irã ao lado de Israel em 28 de fevereiro e a congelaram na semana passada, buscam uma saída para o conflito antes da expiração da trégua, na próxima terça (21).

Trump concedeu diversas entrevistas na noite de terça e, ao falar à rede britânica Sky News, afirmou novamente que espera um fim breve para o conflito. À americana ABC, afirmou esperar novidades em talvez dois dias.

As negociações diretas com o Irã, no fim de semana no Paquistão, deverão ser retomadas. Elas fracassaram em resultar numa solução imediata, mas o cessar-fogo foi mantido, o que sugere disposição para continuar apesar do bloqueio e das ameaças iranianas.

Nesta quarta, o presidente iraniano, Masoud Pezeshkian, disse que seu país prefere a paz à guerra. O chanceler Abbas Araghchi, por sua vez, recebeu uma delegação liderada pelo chefe militar paquistanês, marechal Asim Munir, para enviar novas mensagens aos americanos.

Trump, que jogou na confusão desde o começo do conflito, apresentando diversos “casus belli” e sem se fixar em nenhum, agora parece se satisfazer com uma solução para a crise em Hormuz e com algum acordo em torno do programa nuclear iraniano.

Críticos notam que isso poderia ter sido alcançado sem a guerra. Na prática, pode haver um acordo semelhante ao de 2015, descartado pelo próprio Trump três anos depois, buscando congelar por um período as atividades atômicas de Teerã.

Por Igor Gielow (Folhapress)

Cientista brasileira na lista dos 100 mais influentes da revista Time

A cientista brasileira Mariangela Hungria, da Embrapa, foi incluída na lista das cem pessoas mais influentes do mundo pela revista Time, publicada nesta quarta-feira (15).

Vencedora do Prêmio Mundial de Alimentação, o “Nobel da Agricultura” no ano passado, a pesquisadora aparece na lista ao lado de nomes como os do papa Leão 14, do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e do líder chinês, Xi Jinping. O ator brasileiro Wagner Moura também está na lista.

“Hoje, graças ao seu trabalho, 85% da soja brasileira é cultivada com esses microrganismos em vez de fertilizantes sintéticos. Suas inovações científicas, utilizadas em todo o mundo, ajudaram os agricultores brasileiros a economizar cerca de US\$ 25 bilhões por ano [R\$ 124,75 bilhões, ao câmbio desta quarta] e a evitar a emissão de 230 milhões de toneladas métricas de dióxido de carbono equivalente”, escreveu na Time Kyla Mandel, editora sênior da revista.

A inclusão da cientista na lista da revista norte-americana ocorre após seu nome já ter se destacado mundialmente no ano passado, ao conquistar o Prêmio Mundial de Alimentação de 2025, o World Food Prize.

“Comecei a chorar, e não acreditava no que estava ouvindo”, disse ela à Folha de S.Paulo ao ser informada do prêmio pela World Food Prize Foundation.

Na Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) há 43 anos, Mariangela tem sido reconhecida por suas premiações recentes por sua trajetória dedicada ao desenvolvimento de tecnologia em microbiologia do solo. Isso permite aos produtores rurais a obtenção

de altos rendimentos com custos menores e mitigação de impactos ambientais.

Quando a World Food Prize colocou Mariangela na mira do prêmio, levou em consideração o trabalho de uma microbiologista e cientista que desenvolveu dezenas de tratamentos biológicos de sementes e de solos que ajudam a planta a obter nutrientes por meio de bactérias do solo. Essa ação aumenta a produtividade de importantes culturas agrícolas e reduz a necessidade de fertilizantes sintéticos.

Seu trabalho visa ao aumento da produção e da qualidade dos alimentos, por meio da substituição dos fertilizantes químicos por microrganismos portadores de pro-

priedades como fixação biológica e solubilização de fosfatos e rochas potássicas.

Formada em engenharia agrônoma pela Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), da USP (Universidade de São Paulo), com doutorado em agronomia pela UFRRJ (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro), Mariangela atuou na Embrapa Agrobiologia entre 1982 e 1991 e, desde então, está na Embrapa Soja.

Além da soja, o trabalho de Mariangela contribui para a produtividade de trigo, milho, arroz, feijão e melhorias nas pastagens.

Por Marcelo Toledo (Folhapress)